

SEXO, GÊNERO E PODER SOB A ÉGIDE DO PENSAMENTO FOUCAULTIANO E SUAS INTERFERÊNCIAS NAS RELAÇÕES CONJUGAIS CONTEMPORÂNEAS

Vinícius Farani López*

RESUMO: *As relações entre homens e mulheres vêm sofrendo transformações ao longo dos tempos. Desde o surgimento do movimento feminista e as críticas de Foucault à relação sexo/poder, que os estudos e as vivências de gênero no cotidiano vêm se modificando e, inevitavelmente, vêm interferindo nas relações conjugais contemporâneas. A família que outrora se preocupava com a influência do coletivo na tomada de decisões, passa agora a aprender a vivenciar a valorização do indivíduo em relação ao coletivo. E o sexo, que foi tido como objeto de repressão, hoje a assombrar o vínculo relacional, em prol de uma liberdade pessoal, de uma realização de desejos na vivência do aqui-e-agora.*

Palavras-chave: Foucault; Gênero; Poder; Sexo

INTRODUÇÃO

Este artigo faz parte do projeto de pesquisa de mestrado em Família na Sociedade Contemporânea – UCSal e pelo Instituto da Família, com o tema “A construção do vínculo conjugal na contemporaneidade: entre a autonomia e a vida a dois”. O que se percebe é que desde as críticas de Michel Foucault à “hipótese repressiva” e à ascensão do movimento feminista, que papéis de homens e mulheres sofreram bastante modificações. Sexo e gênero vêm sofrendo transformações tanto nos âmbitos coletivos, quanto em relação aos espaços de maior intimidade, como em uma relação conjugal. A existência de papéis definidos para homens e mulheres entrou em crise, e a possibilidade da vivência de novas experiências, novos tipos de relações é relatada diariamente, sendo propagada por revistas e programas televisivos. Tais transformações fizeram emergir inúmeras discussões acerca do tema sexualidade, possibilitando com isso, novas descobertas e redescobertas no âmbito da conjugalidade.

DESENVOLVIMENTO

Michel Foucault inicia o capítulo II da História da Sexualidade I, dizendo:

“Século XVII: seria o início de uma época de repressão própria das sociedades chamadas burguesas, e da qual talvez ainda não estivéssemos completamente liberados. Denominar o sexo seria, a partir desse momento, mais difícil e custoso” (FOUCAULT, p. 21, 2005).

A partir deste ponto, o que aparenta um início e um discurso sobre censura, interditos e punições que rodeiam o ato e o falar sobre sexo, se inicia em verdade a uma compreensão do poder que se instaurou sobre o falar de sexo. Os corpos passam gradativamente a serem objeto de poder, de controle. Regras e normas vão sendo criadas, o que possibilitaria o controle dos impulsos mais instintivos, podendo ser canalizados para os fins necessários. Torna-se necessário, portanto, “levar em consideração o fato de se falar de sexo, quem fala, os lugares e os pontos de

* Pós-graduando do Mestrado em Família na Sociedade Contemporânea da Universidade Católica do Salvador - UCSal.

vista de que se fala, as instituições que incitam a fazê-lo, que armazenam e difundem o que dele se diz, em suma, o ‘fato discursivo’” (FOUCAULT, p.16, 2005).

Sob a égide de uma “hipótese repressiva” instaura-se um discurso de poder, uma mecânica que sob o pano de uma condenação do falar sobre sexo existe uma valorização do falar dele enquanto segredo, ou enquanto normas e regras bem estabelecidas por professores, psiquiatras e médicos.

O que valoriza o poder não são suas interdições e leis, mas o lucro de se ter a chave da salvação: nas igrejas e religiões as confissões enquanto caminho da salvação da alma impura, na política a partir do séc. XVIII com o controle estatal sobre as taxas de natalidade, precocidade etc, o saber possibilita disputa política e na psicanálise o murmúrio lucrativo do divã.

Nos valores assumidos pelo corpo e sexo, a ciência vai sendo alimentada como sustentáculo de mensuração de prazer. A excelência em uma *scientia sexualis* hoje ganha força com os valores atribuídos aos enxertos aplicados ao próprio corpo. Mais do que nunca o valor está sendo aplicado aos corpos enquanto fonte geradora de lucros: seios, nádegas, coxas siliconadas, rostos com botox, operações e novas técnicas são aplicadas, reaplicadas e produzidas cotidianamente. A ciência sobre a mecânica do corpo ganha espaço nas prateleiras e se torna fonte de poder.

As práticas médicas que se preocuparam (e ainda se preocupam) tanto na emissão de laudos e atestados sobre o sexo dos loucos, das crianças, dos homossexuais e dos idosos, hoje lança sua luz a fontes produtoras de prazer. A busca pelo orgasmo, pelo prazer incessante, produz uma corrida às academias e fármacos cada vez mais sofisticados. O sexo enquanto fonte de prazer não se apresenta culturalmente como fonte de prazer, mas em uma ciência que o identifica como redutor de estresse, auxiliador da circulação sanguínea, redutor de peso. O discurso sobre o sexo se torna economicamente rentável, sendo ibopes de televisão, e na venda de produtos que exaustivamente irá lhe proporcionar prazer e benefícios.

Nesta cultura ocidental onde a *scientia sexualis* adota o privilégio de possuir o poder-saber sobre o sexo, segundo Foucault ao menos “à primeira vista, não possui *ars erotica*” (FOUCAULT, p.57, 2005), sendo esta um segundo procedimento sobre a produção da verdade do sexo. Esta segunda forma, que se encontra difundida em culturas como China, Japão, Índia e Roma, a verdade é extraída do próprio prazer.

“Os efeitos dessa arte magistral, bem mais generosos do que faria supor a aridez de suas receitas, devem transfigurar aquele sobre quem recaem seus privilégios: domínio absoluto do corpo, gozo excepcional, esquecimento do tempo e dos limites, elixir de longa vida, exílio da morte e de suas ameaças” (FOUCAULT, p.57, 2005)

Esta arte que aparentemente não se encontra no ocidente, passa em verdade, a ser produzida por um outro viés, o da produção do saber enquanto forma de extrair a verdade e dar respostas.

O poder exerce influência sobre os corpos. O corpo enquanto processo histórico, enquanto lugar que ocupa um eu. O corpo está situado em um meio social, não acima ou abaixo, mas está inserido nele, se inter-cruzando na vida cotidiana. O poder exercido sobre os corpos, e estes, que travam uma batalha de lutas e aceitações, o fazem no emaranhado e complexo jogo em cada indivíduo nos seus hábitos, pulsões, sentimento, instintos, emoções e vicissitudes.

O poder referido por Foucault não vem de uma única instância, instituição ou estrutura superior, ele estaria em toda parte. O poder que rejeita, exclui, interdita, recusa circula pelos discursos e é construído na complexa trama estratégica de uma dada sociedade. Portanto, as estratégias adotadas pelo poder são tão individuais quanto adotadas por instituições. As relações de poder são codificadas diariamente nos dramas dos embates e valorizações, e é graças a este sistema fluido que as transformações sobre o sexo e gênero são possíveis.

Como a psicanálise, o movimento feminista também tem sua contribuição na relação com o sexo, assim como sua relação com o poder. O movimento feminista que veio enquanto possibilidade de gerar uma nova ordem do poder sobre o sexo feminino e seus vínculos com a sociedade, também não fugiram do discurso da salvação.

Esta percepção de que por trás da ideologia de repressão está o incitamento a se falar

“(…) é, evidentemente, muito incômoda, pois coloca de imediato o seguinte dilema: ou se considera a teoria e prática feminista como mais um dispositivo de poder sobre a sexualidade, desacreditando assim seu potencial libertário, ou se desata a articulação entre poder, conhecimento e verdade sustentada na análise de Foucault” (SORJ, p.21, 1992).

É necessário o questionamento da função do poder exercido pelos movimentos libertadores e suas repercussões. Pois não é de se estranhar que o discurso feminista tenha gerado um certo domínio nos estudos de gênero, onde as mulheres hoje possuem grande preponderância tanto em livros, quanto em simpósios, congressos e debates, restando ao masculino o lugar de objeto “comum”, que mantém as mesmas funções, ou de “o detentor do poder ao qual deve ser combatido”.

Homem e mulher fazem parte do maquinário de poder, e cada qual exerceu e exerce a sua contribuição. O homem enquanto socialmente estimulado a ser portador da renda familiar, e a mulher enquanto detentora do poder e do cuidado do lar é uma forma simplista de se ver uma realidade muito mais dinâmica e complexa. Mesmo porque, o lugar da mulher como guardiã do lar, em nada tem de vergonhoso ou submisso. Foram papéis disseminados para atividades necessárias que se complementam, e mesmo assim, a família guarda mil facetas que se apresentam continuamente.

Quantas mulheres não foram as verdadeiras fortalezas da casa? E em contra-partida, quantos não foram os maridos que não se enquadravam no papel de chefe de família? Enquanto o movimento feminista lutava pelo direito das mulheres e do direito ao poder e ao lucro, os homens também foram renegados e negados em suas faltas.

O movimento feminista, entretanto, assim como o movimento de “liberação sexual”, mesmo sendo parte da mesma trama de poder, de incitação ao discurso e de valorização dos seus objetos de conquista, promulgaram modificações sociais consideráveis.

“A possibilidade de arbítrio sobre o próprio corpo e o acesso a uma sexualidade não reprodutiva foi, sem dúvida, umas das principais conquistas das mulheres. (...). Nesse sentido, as mulheres puderam programar suas vidas e exercer tanto a sua vida profissional como também a própria experiência da maternidade de forma mais satisfatória” (ARÁN, MARCIA, 2003).

Em verdade, o movimento feminista que acompanha o movimento da cultura atual não mais apresenta as mesmas características do início da sua história. “O feminismo contemporâneo, através da crítica à rigidez das oposições binárias como categorias explicativas, tem buscado referências de análise menos limitadas, as quais permitam integrar homens e mulheres nas suas relações, no desenvolvimento do processo” (BRITO, 291, 2001). Afinal, com tantas lutas e discursos inflamados, o ideal de homem e mulher entrou em crise, o que possibilitou na aplicação mais direta das realizações de desejos pessoais tanto de homem quanto de mulher, sem a obrigatoriedade de papéis firmemente estabelecidos.

Homem e mulher deixam de viver um papel binário, de regras definidas e padronizadas. Tal aspecto levou a se criticar o que é do homem e o que é da mulher. Isto é, se questiona os limites da existência de homem e mulher, abrindo portas a uma compreensão mais vinculada a

aspectos de masculino e feminino identificados na psique de ambos. Agora homem e mulher podem vivenciar nos seus corpos e relações sociais o que há muito pulsava em fantasias.

O casal hoje pode estar mais confortável no que se refere à prática do sexo, possa ter a chance de maior conversa e realizações visto que imagens, sons e gemidos são apresentados convulsivamente em rádios e novelas, porém, livros como “contos do marquês de sade”, entre outros, já circulava pelas mãos e mentes de casais. É verdade que hoje ele não mais seria julgado a título de destruir corpos e almas, mas em vez disso, seria elevado ao mais alto patamar da literatura, como reveladora da verdade.

O que se pode observar hoje é que o poder que promulgou ao sexo o lugar de sujo, algo a ser talhado e falado enquanto segredo, deu hoje aos casais a questão de ter que lidar com o sexo que está em todo lugar, em todos os olhares. O casal hoje talvez tenha menos dificuldade em verbalizar seus desejos, em explorar suas sexualidades, mas precisa aprender a lidar com os *menage a trois*, e com a excessiva liberdade do outro. E na sua fala imperativa Bauman diz que “hoje, o sexo está-se convertendo num poderoso instrumento de desagregação da estrutura da família, em todas as dimensões” (BAUMAN, p.186, 1998)

O sexo que outrora estava emaranhado em densos tecidos e deveres assumidos, se encontra hoje isolado de outras formas de relacionamentos. O sexo passa gradativamente a ser liberado das obrigatoriedades assumidas, de ser tido enquanto corpo estranho ou fadado a relações de procriação da espécie, e passa a assumir um lugar de distanciamento de emoções e sentimentos. E o que antes era contido em cintos castos, hoje brilha nos olhos e anseia na pele o desejo do objeto outro. “O espectro do sexo, agora, assombra os escritórios das empresas e as salas de grupos de estudos dos colégios: há uma ameaça encerrada em todo sorriso, olhar atento ou maneira de tratar”. (BAUMAN, p.186, 1999).

Pode ser dito que a cultura atual retrata mais uma individualidade do que de uma influência coletiva, o que gera aos casais a relação compensatória de amor e ódio pela liberdade. “O elemento central não é mais o grupo reunido, são os membros que a compõem. A família se transforma em um espaço privado a serviço dos indivíduos” (SINGLY, p.15, 2000). Tal perspectiva gera à conjugalidade a aparência de uma instância forte, devido a satisfação de desejos pessoais, inclusive na escolha do parceiro. Em contra - partida, os casais não mais conhecem a durabilidade da relação.

A inversão de um “nós” para um “eu” no contexto da intimidade humana ecoa diretamente sobre a percepção do indivíduo nas relações. Tal transformação possibilita, tanto ao homem quanto à mulher, o espaço do apaixonar-se, do poder e do sexo. A partir do momento em que o indivíduo anseia por vivenciar suas próprias vontades, homens e mulheres sentem-se compelidos a realizarem o que antes era destinado a apenas um ou outro pólo do gênero. Os homens ficam livres a apresentar suas dores e paixões, e as mulheres a vivenciar o poder e a liberdade de explorar o sexo, sem a exigência do amor ou da reprodução.

A beleza de se viver uma individualidade, de vivenciar e explorar desejos pessoais mesmo em uma relação a dois, traz a dor da não confiança do vínculo. “Assim, você está amarrado, mas seu parceiro continua livre para ir e vir, e nenhum tipo de vínculo que possa manter você no lugar é suficiente para assegurar que ele não faça” (BAUMAN, p.112, 2004). A fraqueza e a vulnerabilidade dos vínculos marcam os relacionamentos contemporâneos, e o que outrora era construído em um arcabouço duradouro, abriu espaço à fluidez, à fragilidade, a “amores líquidos”.

A contemporaneidade se propõe a possibilitar aos indivíduos uma vasta gama de possibilidades e realizações de desejos. Uma necessidade de vivenciar todas as experiências possíveis. Hoje as escolhas não mais carregam o peso de uma responsabilidade, não mais se precisa tomar uma decisão definitiva, pois é sabido que, assim que for conveniente, basta descartar o objeto e adquirir um novo. Porém “ninguém que estabeleça um novo vínculo conjugal poderá considerar seu novo cônjuge como um mero substituto funcional do primeiro. Não se escolhe uma função, mas sim pessoas” (MORANDÉ, p.27, 2005).

As relações tornam-se úteis. Mais do que se relacionar, do que vivências e experiências, passa-se a contrair a ideologia do capital, de ganhar ou perder. O que nesta relação me será lucrativa ou não? E neste bojo, sexo e corpos passam a ser recipientes de valor. O poder apresenta um cálculo de vantagens pessoais, e as metas passam a ser consideradas assuntos privados. “Em suma, trata-se de definir as estratégias de poder imanentes a essa vontade de saber. E no caso específico da sexualidade, constituir a ‘economia política’ de uma vontade de saber” (FOUCAULT, p71, 2005).

CONCLUSÃO

As relações de sexo/poder não são as mesmas do período vivenciado por Michel Foucault, porém, novas formas vêm se apresentando e novos estudos e percepções se fazem necessários. A família, em muito, esconde as suas mil faces. Atrás das portas pode existir muito mais vida e complexidade do que pode ser apreendida. Portanto, se faz necessário que os estudos sobre família, vínculos e relações passem a perceber que por de trás do que se é dito (principalmente quanto ao sexo e sexualidade), existe uma gama de diversidades e tramas que permeiam os corpos, o sexo e mente dos cônjuges na contemporaneidade.

REFERÊNCIAS

ARÁN, Márcia. *Os destinos da diferença sexual na cultura contemporânea*. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, v. 11, n. 2, p. 399-421, 2003.

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-26X2003000200004#top45

BAUMAN, Zygmunt. *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

BAUMAN, Zygmunt. *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

BRITO, Maria Noemi Castilhos, *Gênero e cidadania: referenciais analíticos*. Ver. Estud. Fem., 2001, vol.9, no.1, p.291-298.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2005.

GOULDNER, Alvin. *La crisis de la sociologia occidental*. B. Aires: Amorroutu Editores, 1973.

SINGLY, François de. *O nascimento do ‘indivíduo individualizado’ e seus efeitos na vida conjugal e familiar*. (IN) Família e individualização / Peixoto Clarice Ehlers, François de Singly & Vincenzo Cichelli (orgs.) - Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000.

SORJ, Bila. *O feminismo na encruzilhada da modernidade e pós-modernidade*. In, *Uma questão de gênero* / Albertina de Oliveira Costa, Cristina Bruschini (orgs). Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos; São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1992.